

Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural

ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). *Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural*. Goiânia: Vieira, 2005. 348p.

João Alves de Castro

Professor Emérito da Universidade Católica de Goiás

Caminhar pelos Cerrados com suas diferenças fisionômicas, de extrema monotonia para uns, e diversidades para outros, com uma variedade de espécies pouco estudadas e conhecidas. Suas paisagens carregadas de símbolos, de causos contados pelas comunidades tradicionais e que são suas visões de mundo, criadas em consequência da interação com o ecossistema. Cerrados que estão em vias de extinção, resultante do aumento de grandes projetos nacionais e multinacionais, tendo por fim a ocupação com atividades intensivas de agricultura, pecuária e reflorestamento. São esses os temas abordados por diferentes pesquisadores organizados, em uma coletânea, pela professora Maria Geralda de Almeida.

A beleza dos Cerrados, suas riquezas são decantadas pelos viajantes naturalistas do século XIX e os da contemporaneidade. Os primeiros têm uma visão impregnada de referências culturais, racismo e determinismo, condenando os seus habitantes a viverem estagnados fruto da vida miserável que levam e sem perspectiva para o futuro. Os segundos têm um olhar condicionado pelos meios de comunicação. Antigos e novos olhares viajantes pelas paisagens dos Cerrados são os objetivos da pesquisa de Clarinda Aparecida da Silva.

Mas esse povo miserável é rico em símbolos e cultura. Símbolos entendidos como a representação das coisas do mundo real. Símbolos que através das palavras, das visões de mundo são um meio de comunicação que serve para o exercício do poder, uma forma de controle dos filhos e da população de um modo geral. Símbolos como forma de mergulhar no tempo do interiorano que veio da curruetela, da zona rural para a cidade grande, e que em um momento de nostalgia, relembra dos contos que eram narrados no crepúsculo da tarde pelos genitores e que através dessas narrativas educavam pelo medo: forma de controle do pai sobre os filhos. Tudo fruto da imaginação: lobisomens, mula-sem-cabeça, bruxas, saci-pererê e capetas. Símbolos que estabeleciam um comportamento educativo, por exemplo: o João-de-Barro significa alegria, o ato positivo do casamento são as contribuições de Eguimar Felício Chaveiro.

Comunidades tradicionais que transmitem os seus conhecimentos de como as diferentes espécies desse ecossistema podem ser utilizadas medicinalmente e para a alimentação. Para proverem sua subsistência agem segundo as estações do ano, os dias e as noites. Utilizam suas festas tradicionais para que os diferentes membros das populações convivam. São manifestações culturais em interação com o ciclo da natureza do Cerrado. É o objetivo de Valnei Dias Rigonato: "(...) analisar a dimensão sociocultural contida nas paisagens do Cerrado".

A natureza no Morro do Santo Antônio (área de cerrado) e o boi-à-serra que habitava as redondezas do morro na região de Cuiabá, são representados culturalmente nas letras das músicas, das danças de siriri e cururu (Sônia Regina Romancini e Eledir da Cruz Martins).

No norte de Minas Gerais, uma leitura antropológica do Cerrado é feita considerando como os nativos classificam os diversos ambientes desse ecossistema e deles se apropriam, de uma forma singular, criando uma identidade (João Batista de Almeida Costa).

Dando continuidade à discussão sobre a identidade cultural das populações tradicionais, adquiridas de suas relações com a natureza, Maria Geralda de Almeida aborda a precarização da Região do Norte do Estado de Goiás, onde parte do cerrado ainda esta preservada. Mas as políticas do Estado, o seu descaso histórico com a região e as imposições dos detentores do Capital fazem com que as comunidades regionais sejam excluídas do processo de modernização e estejam assistindo à degradação acelerada de seu *lôcus* de vivência, que é o seu sustento. No entanto, essas populações, através de seu patrimônio histórico e cultural, se preservados, podem manter a rica biodiversidade da região e manter as bases de seus recursos. Da exclusão volta-se à inclusão.

Ao lado de toda essa riqueza cultural produzida pelo sertanejo, o impacto da modernização tem produzido conseqüências negativas: o Cerrado precisa ser preservado. O uso intensivo do homem através da agricultura e pecuária tem provocado a perda da biodiversidade, a presença de espécies exóticas invasoras, a erosão dos solos, a poluição da água e uma provável modificação do clima local. Em conseqüência de tudo isso, a preservação do Cerrado é de suma importância através do projeto de Áreas Prioritárias para Conservação de Diversidade no Cerrado em Goiás, e os métodos atuais para estabelecer áreas prioritárias para conservação. Essa é a abordagem de Miriam Plaza Pinto e José Alexandre Felizola Diniz-Filho.

Para socorrer o cerrado, foram criadas Unidades de Conservação (UC). No Norte de Minas Gerais, para amenizar os impactos ambientais negativos que estavam acontecendo na região, o governo criou as Unidades de Conservação em número insuficiente e extremamente vulneráveis. Essas UCs foram criadas em decorrência do projeto desastroso do Estado que, na década de cinquenta, transformou os latifúndios existentes, ao lado das terras comunais, em empresas rurais, principalmente para plantar eucalipto e implementar grandes projetos de infra-estrutura. Assim, as terras comunais tornaram-se particulares não só através do Estado, como também pela apropriação através de títulos ilegais das terras. Esse é o assunto tratado por Maria Ivete Soares de Almeida e Anete Marília Pereira.

Através de Decreto Federal, em 1990, foram criadas as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) que de domínio particular instituídas por solicitação do proprietário que se propõe a preservá-la, tanto a flora, como a fauna, mediante reconhecimento do Poder Público. Isis Maria Cunha Lustosa, com o seu artigo, propõe fazer uma leitura crítica dos discursos e da legislação que tratam das Unidades de Conservação. Com um agravante: estas são desconhecidas por uma parcela significativa da população.

A criação de unidades de conservação para resguardar as terras do Cerrado, segundo Ivanilton José de Oliveira, deve estar atrelada à análise do relevo e de suas relações com a vegetação. Relevo com maior declividade preserva a vegetação e dificulta a ocupação econômica. O de menor declividade (os chapadões) favorece o cultivo da lavoura e uma degradação

mais acentuada do ecossistema. A declividade do relevo atua na profundidade do solo (solos rasos e profundos) e na sua fertilidade. Solos com maior grau de fertilidade favorecem o desenvolvimento de uma vegetação mais densa e a atividade agropecuária. Outros elementos devem ser levados em conta na interpretação desses padrões de uso e ocupação das terras, como a atuação de políticas públicas e a ação de iniciativa privada.

A construção de barragens é um outro fator que está destruindo os Cerrados, os rios e causando prejuízos às comunidades. Essa é a afirmação de Marcelo Rodrigues Mendonça. No final dos anos 1970, surgiu no Brasil o MAB (Movimento dos atingidos pelas barragens), mobilizando camponeses e trabalhadores da terra, que são desterritorializados com a construção de hidrelétricas de uma forma direta. Indiretamente questiona o modelo energético implementado no país. Posteriormente, o MAB se territorializa no Sudeste Goiano, quando surgiram projetos para a construção de novas hidroelétricas. Houve uma mobilização dos atingidos, com a participação de estudantes e professores universitários. Há na área do Cerrado uma luta intensa pela terra, pela reforma agrária e pela permanência na terra por parte dos novos movimentos sociais.

As modificações desse ecossistema estão cada vez mais aceleradas. Soares et al fazem uma análise das transformações que o cerrado do Triângulo mineiro sofreu com a introdução da agropecuária "moderna", com o deslocamento das agroindústrias pós década de 1970 para a região, o que ocasionou um impacto político, econômico social e cultural. Mas este se deu de forma desigual, pois os diferentes municípios não se inseriram da mesma forma nesse sistema de produção. Todo esse "desenvolvimento" criou um discurso ufanista: O Triângulo Mineiro é o Eldorado de Minas Gerais. No entanto, as desigualdades existentes não sustentam esse mito.

Será que a construção de uma cidade pode preservar ou degradar um ecossistema? Lucio Flavo Marini Adorno e Daniela da Rocha Figuera analisam a trajetória política ambiental de Palmas (capital do Tocantins) os discursos e as contradições. Concebeu-se um Plano Urbanístico para tornar essa Capital uma Cidade Ecológica. Os autores do plano tinham uma preocupação fundamental com o meio-ambiente, visando amenizar os impactos ambientais com a construção da cidade. A vegetação nativa do cerrado deveria ser preservada com a construção de uma Reserva Ecológica e proteger as matas ciliares ao longo dos córregos, convertendo-as em parque lineares. Construir áreas verdes dentro da área urbana. Mas esse sonho permaneceu mais na teoria do que na prática e o cerrado foi parcialmente destruído.

Quais são as opções, possíveis, para proteger os Cerrados? O turismo pode se firmar como estratégia de desenvolvimento socioeconômico? É uma alternativa para sustentar esse patrimônio natural e cultural do cerrado na região do Nordeste Goiano? São os questionamentos feitos por Gisélia Lima Carvalho. O Nordeste Goiano é uma região problemática do ponto de vista socioeconômico; no entanto, possui as maiores riquezas naturais do Estado e que exploradas adequadamente através do ecoturismo podem se firmar como estratégia de desenvolvimento da região. Para que isso aconteça, é necessário que o turismo não deprede o patrimônio natural e cultural do cerrado. Para não depredar, algumas medidas devem ser tomadas, como assegurar a compatibilidade do desenvolvimento com os processos ecológicos, definir metas e estratégias e envolver a comunidade, pois se esse patrimônio foi preservado

até hoje, deve-se ao tipo de relação que se estabeleceu entre o homem e natureza de forma amistosa e sem agressão.

Essa coletânea de artigos é de inestimável valor, pois ela nos leva a passear pelos Cerrados, passear significa estar efetivamente em sintonia com esse ecossistema que se encontra em vias de desaparecimento, principalmente, nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, fruto da ocupação desenfreada, sem preocupação em preservar a rica flora e fauna, não valorizando o grande potencial das plantas da medicina popular, e das comunidades tradicionais que delas necessitam para sua sobrevivência. Os Cerrados precisam ser conservados, mas é necessário ter muita cautela com as soluções propostas: para quem servem e a quem servem.